



XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

Estratégias enunciativas nos blogs jornalísticos: a resignificação do espaço editorializado em ambiente virtual.¹

Gabriela Pavanato Sardinha Rissoni

Professora do Centro Universitário Nove de Julho – UNINOVE – São Paulo.²

Resumo

As regras de produção do discurso jornalístico estão em processo de transformação com as inúmeras possibilidades da era virtual. Além da convergência das mídias e do surgimento de linguagens que se adaptam ao vasto mundo comunicativo do hipertexto, ambientes próprios desse meio estimulam a resignificação de procedimentos discursivos que antes estavam restritos às delimitações determinadas para as mídias convencionais. É o caso dos blogs, que surgiram como diários de mensagens descompromissadas e que hoje recebem a chancela de credibilidade jornalística. Investigar quais são os procedimentos argumentativos empregados pelo sujeito produtor do discurso e qual relação se estabelece entre enunciador e enunciatário, nessa nova configuração discursiva, é a proposta desse trabalho.

Palavras-chave

semiótica; discurso; blogs, enunciação

Corpo do trabalho

Quando o rádio surgiu, no início do século passado, muitos apostaram que seria o fim dos meios impressos, como jornais, revistas e livros. Na década de 50, com a consolidação da televisão, alguns achavam que, dessa vez, o que não sobreviveria seria o rádio, pois a televisão unia a sonoridade às imagens. Mais de cinquenta anos depois, nenhum desses veículos desapareceu, pelo contrário, se solidificaram, cresceram e acompanharam a evolução tecnológica. Agora, no início do século XXI, percebe-se uma tendência que não aponta para o desaparecimento de quaisquer das linguagens, mas sim

¹ Trabalho apresentado ao NP Semiótica da Comunicação do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Jornalista, graduada pela PUCCAMP/SP e mestre em Comunicação e Semiótica, pela PUC/SP, é coordenadora do curso de Jornalismo da UNINOVE, onde leciona a disciplina Comunicação e Linguagens, na graduação, e Semiótica das Mídias na pós-graduação em Comunicação e Mídia. Pesquisadora do discurso jornalístico no grupo de estudos em Comunicação e Linguagens Audiovisuais. E-mail: grissoni@uol.com.br.



para a criação de um ambiente que acolhe a todas com muito mais capacidade para armazenar dados, eliminar os ‘ruídos’ contidos nas mídias tradicionais, tornar qualquer mensagem acessível em todas as partes do planeta e fazer com que a produção midiática fique cada mais viável economicamente. É a era da veiculação digital e, como essa, a da convergência das mídias em um único meio. Tratando essa fase como uma condição pós-humana de comunicação, Santaella (2004) analisa a era digital:

“O aspecto mais espetacular da era digital está no poder dos dígitos para tratar toda informação, som, imagem, vídeo, texto, programas informáticos, com a mesma linguagem universal, uma espécie de esperanto das máquinas. Graças à digitalização e compressão dos dados, todo e qualquer tipo de signo pode ser recebido, estocado, tratado e difundido, via computador. Aliada à telecomunicação, a informática permite que esses dados cruzem oceanos, continentes, hemisférios, conectando potencialmente qualquer ser humano no globo numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso que vem sendo chamada de ciberespaço. Catalisados pela multimídia e hipermídia, computadores e redes de comunicação passam assim por uma revolução acelerada no seio da qual a internet, rede mundial das redes interconectadas, explodiu de maneira espontânea, caótica, superabundante”. (Santaella 2004:70)

Para a autora, os meios de massa proporcionam recomposições nos papéis, cenários sociais e até mesmo no modo de produção das formas de cultura, mas não as destrói. Isso se aplica à era digital. As culturas estão mais acessíveis, como também a forma de homogeneização, mais uma vez, pelos meios de comunicação. No entanto, a era digital preserva o conteúdo e a linguagem, mas rompe distâncias e elimina as limitações estruturais. Santaella (2004) explica que a cultura humana existe “*num continuun*”, pois é cumulativa, não no sentido linear, mas no sentido de interação incessante de tradição e mudança, persistência e transformação.

A questão da convergência das mídias não é unanimidade entre os estudiosos dos processos de comunicação. Fernão Pessoa Ramos (2002) não acredita que a convergência seja de fato algo significativo nos dias de hoje. Ele explica que o pressuposto da convergência dos meios não se atenta à concretude histórica.

“Na realidade, no momento em que abandonamos o axioma evolucionista, percebe-se facilmente que, no mundo cotidiano que nos cerca, os meios não estão convergindo na velocidade suposta. Ao flexionarmos a análise a partir da hipótese (“os meios devem convergir”), acabamos por sacrificar os instrumentos analíticos necessários para uma abordagem mais detida de efetiva utilização dos meios na sociedade contemporânea”. (Ramos 2002:100)

Ramos (2002) acredita que para estudar de modo realista a configuração da utilização midiática na sociedade contemporânea é preciso considerar a permanência de uma multiplicidade de mídias, com regimes de fruição diferenciados. Ele cita como exemplo



o fato de as pessoas não assistirem novelas ou programas de auditório na internet, assim como não enviarem e-mails pela televisão, embora, tecnologicamente, tudo isso seja viável. O autor chama a atenção para o tipo de fruição que cada meio desperta, ressaltando que na prática cotidiana tem-se uma divergência em simultaneidade dos meios. “Falou-se muito do fim do livro. No entanto, é evidente que determinado tipo de leitura não se realiza, socialmente, em computadores. Não há prazer em se ler romance em computador. Romance se lê no sofá ou na praia, manuseando o papel. O insucesso dos aparelhos digitais contendo livros, demonstra essa evidência”, analisa. A conclusão de Ramos (2002) é que “a pequena franja midiática onde a convergência ocorre, não justifica a excessiva dimensão que hoje lhe conferimos”.

A construção de uma linguagem

Estudando as características da linguagem no rádio, na TV e em meios impressos percebe-se que cada mídia possui particularidades que otimizam as possibilidades comunicativas. Na era digital, com os recursos multimídias, ainda não há essa definição estabelecida. Até aqui, embora represente uma nova etapa e a pesquisadora Santaella (2004) considere um ‘esperanto das máquinas’, o que existe, na maior parte das vezes, é a reprodução das linguagens em um meio diferente. Isso significa que o mesmo texto que o leitor vai encontrar no jornal do dia, ele pode ler pela internet, que o programa de rádio pode ser ouvido pela internet, que o livro estará integralmente nas páginas virtuais e que a telenovela poderia ser assistida tal qual na televisão. As revistas da semana podem ser lidas integralmente também. Nos sítios (sites) de conteúdo jornalístico, a arquitetura da informação obedece a critérios de acessibilidade – da chamada para um texto curto, com opções de acesso a outras matérias sobre o assunto, mas não há um tratamento especial que não seja ‘encurtar’ e direcionar o texto.

Entre as diferenças das mídias clássicas e as digitais está a relação temporal de apreensão de informações e a navegabilidade nos textos com recursos chamados de hipertextos e hiperlinks. Esses recursos estão presentes no texto, abrindo novos e novos textos, acrescentando informações de maneira tão ininterrupta que, às vezes, perde-se o foco inicial da leitura. Ao se observar um livro, nota-se que as informações estão organizadas de maneira linear. O leitor precisa ler uma página após a outra para entender a construção de sentido do discurso. No hipertexto, a leitura pode ser não



linear, porque o leitor pára em uma palavra, acessa outros conteúdos, assimila informações, retorna ao texto inicial, mas isso não é uma condição para apreender o conteúdo, se a opção for pela continuidade, também é possível. Assim, a construção do sentido torna-se muito particular de um indivíduo para outro, pois as escolhas virtuais traçam um caminho próprio para cada usuário.

Simone Pereira de Sá (2002) denota os fatores contidos nessa forma de linguagem do ambiente virtual:

“A estabilidade, a linearidade e os limites do livro (codex) tanto quanto a fidelidade à voz do autor dariam lugar ao (hiper) texto disperso, multilinear, aberto, polifônico a ser explorado através de um leitor ativo, num processo de ‘leitura-navegação’ multilinear, associativo e cujos centros são móveis – apontando para reconfigurações nos papéis do autor, do leitor e conseqüentemente da própria concepção de texto e de leitura, caracterizando assim uma ‘mudança de paradigma’ onde é central a crítica às idéias de margem, centro, hierarquia e linearidade”. (Sá 2002:156)

A autora também chama a atenção para outras formas de comunicação no ambiente virtual, que não apenas os hipertextos:

“As listas de discussão constituem, ao lado dos *chats*, uma das formas de comunicação e agrupamento social propiciada pelo novo ambiente da rede internet. Apoiada numa das ferramentas mais populares e amigáveis – o correio eletrônico – ela constitui-se pela troca de mensagens assíncronas entre participantes”. (Sá, 2002:157)

A comunicação pela internet nos termos abordados pela pesquisadora, permite a reflexão sobre outra mudança que a rede de computadores constituiu nos processos de comunicação. Antes dos veículos de comunicação de massa, as pessoas utilizavam a comunicação direta, ou seja, a mensagem entre um emissor e um receptor ou mais, dentro de um número limitado ao alcance fisiológico da fala e da produção de linguagem. A comunicação mediada amplia o número de receptores, mas, em sua maioria, não permite o retorno da mensagem para o emissor. Alvo de severas críticas, a comunicação de ‘mão única’ proporcionada pelos veículos não permite a interatividade. Com o ciberespaço, apesar de mediada pelo computador e pelas redes, cria-se um efeito de sentido de proximidade, resgatando a possibilidade da comunicação direta, ainda que protegendo, pode-se dizer, os interlocutores de tratarem os assuntos pessoalmente. De outra forma, a qualquer momento, sem se constranger, um dos participantes do grupo (mesmo que a conversa seja apenas entre duas pessoas) pode, com um simples toque no botão, interromper o contato e desaparecer para sempre do mundo de seu interlocutor. Simone Sá (2002) lembra que alguns analistas acreditam que as comunidades virtuais



representam uma multiplicação das potencialidades de fazer amizades e que, sob esta ótica, a recriaria em novas bases a convivência fraterna e democrática daqueles que compartilham afinidades e também estenderia os laços, possibilitando o contato com a diversidade social.

A linguagem está em construção quando se fala em espaço virtual e internet. Há muito que se pesquisar e adequar para que surjam soluções originais para esse meio. Dentro dessa perspectiva, é possível pensar na comunicação mediada entre indivíduos ou grupos ou ainda na interatividade proporcionada pela internet, como algo que busca sua própria identidade. A construção do sentido e a persuasão, inseridas na troca de informações de maneira democrática e participativa, exigem do destinatário a capacidade de atrair o leitor e, principalmente, de manter o seu interesse, quando tantas opções ‘brigam’ por sua participação, e não mais apenas por sua audiência. Essa mudança paradigmática exige dos estudiosos da comunicação novas abordagens, pois é um meio aberto às experimentações, especialmente por abrigar todos os tipos de destinatários em sua rede. Entender qual a tendência desse processo de comunicação é, talvez, um dos desafios desse século.

A informação em tempo real

O tempo na internet tem uma característica muito particular que se remete ao imediatismo. A velocidade com que as informações chegam ao destinatário tem um valor muito grande nos meios de comunicação. Essa prática, no entanto, está diretamente ligada às possibilidades de realização de cada meio. O jornal impresso, por exemplo, tem o tempo de ser preparado, rodado e distribuído, o que, em média, significa um dia inteiro. Já o rádio, por sua agilidade, penetração e informalidade, consegue se fazer presente de maneira mais imediata, mas com a desvantagem de não oferecer imagens que registrem ou ilustrem os fatos. A televisão, com sua área de cobertura hoje, também se mostra bastante eficiente, mas as imagens precisam ser capturadas, pré-editadas e o espaço ‘aberto’ para que as notícias cheguem aos telespectadores. Quando acontecem fatos trágicos e ou de importância iminente, os meios podem se superar na tentativa de chegar aos seus destinatários com incomum velocidade, mas no dia-a-dia, a programação obedece a certa ordem determinada nas grades de programação. Eis mais uma das práticas facilmente quebradas pela internet.

A acessibilidade e os baixos custos fazem com que a informação seja atualizada minuto a minuto, a qualquer momento ou, como anuncia o jornal do portal IG, a cada segundo.



Assim, não há um prazo determinado para atualização de informações no espaço virtual, mas apenas o tempo de acontecimento dos mesmos. Além disso, o acesso faz com que qualquer pessoa em qualquer lugar torne-se um comunicador de informações sobre os mais diversos assuntos. É claro que isso torna o meio atraente para que o conhecimento avance mais rápido, mas por outro lado, a confiabilidade pode ficar muito reduzida, pois não há comprometimento de checagem dos fatos em todos os ambientes, aumentando os rumores e ampliando boatos. Mesmo entre os ambientes caracterizados pela atividade jornalística, há sérios prejuízos na averiguação, pois as informações podem ser veiculadas e facilmente ‘corrigidas’, não se atentando para o impacto que eventuais erros possam causar. As páginas são efêmeras e desaparecem no espaço virtual sem deixar ‘marcas’.

Pierre Levy analisa essa conformidade no ciberespaço:

“A cada minuto que passa, novas pessoas passam a acessar a internet, novos computadores são interconectados, novas informações são injetadas na rede. Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna ‘universal’, e menos o mundo informacional se torna totalizável. O universo da cibercultura não possui nem centro nem linha diretriz. É vazio, sem conteúdo particular. Ou antes, ele os aceita todos, pois se contenta em colocar em contato um ponto qualquer com qualquer outro, seja qual for a carga semântica das entidades relacionadas. Não quero dar a entender, com isso, que a universalidade do ciberespaço é ‘neutra’ ou sem conseqüências, visto que o próprio fato do processo de interconexão já tem, e terá ainda mais no futuro, imensas repercussões na atividade econômica, política e cultural. Este acontecimento transforma, efetivamente, as condições de vida em sociedade. Contudo, trata-se de um universo indeterminado e que tende a manter sua indeterminação, pois cada novo nó da rede de redes em expansão constante pode tornar-se produtor ou emissor de novas informações, imprevisíveis, e reorganizar uma parte da conectividade global por sua própria conta”. (Levy 1999:11)

Não obstante quaisquer análises sobre as conseqüências, previsíveis ou não, da informação instantânea, o fato é que na sociedade atual esse é um bem muito valioso e haver a possibilidade de se saber rapidamente o que ocorre em qualquer parte do mundo, a partir da conexão no espaço virtual, agrega valor a setores econômicos e sociais. Os mecanismos sociais tornam-se cada vez mais dependentes dessa jorrada de informações cruzadas e sua interrupção poderia gerar um clima de instabilidade diante de uma simulação do desconhecido, já que há um sentido de conhecer o mundo imediatamente, de saber o que acontece para determinar o comportamento em tal universo. Perder essa possibilidade já seria imponderável, pois a sociedade se move no sentido de saber e produzir cada vez mais esse saber. As decisões mais banais podem ser amparadas em pesquisas virtuais. Quando se depara com um problema ou quando é



preciso decidir por algo, em poucos minutos são levantadas informações que em outras épocas demorariam muito para serem reunidas. Milhares de dados sobre doenças, tratamentos, viagens, lugares, povos, culturas podem ser obtidos com uma busca simples, bem como o histórico e a atualização dos mesmos dados fazem parte da rotina de qualquer sujeito conectado em qualquer parte do planeta, haja vista que tais informações viajam em línguas diferentes e que tornam possível a conexão de dúvidas, certezas e procuras entre sujeitos que, em meios tradicionais seria muito mais difícil. Como afirma Lévy (1999), “não há nenhum obstáculo à diversidade lingüística na internet, a não ser a falta de iniciativa ou ausência de atividade na rede dos locutores de uma ou outra língua minoritária”. Para ele, tornar todas as línguas minoritárias seria um sinal de humildade e respeito ao próximo, diante da grandeza e complexidade do ciberespaço.

O jornalismo no espaço digital

A prática jornalística está diretamente vinculada às possibilidades dos meios de comunicação. Embora a estratégia discursiva que permeia esse setor varie de acordo com as características de cada espaço enunciativo, em geral, a finalidade é sempre levar o enunciatário a um fazer interpretativo que o leve a aceitar como verdadeiras as argumentações presentes no discurso. Para isso, a exibição de textos em espaços editorialmente delimitados para expressão da opinião, da interpretação ou apenas da informação, ocorre organizada por técnicas de redação jornalística. Do ponto de vista do nível discursivo, essa estratégia mistura apenas efeitos de aproximação e de distanciamento do sujeito da enunciação do produto que enuncia, criando efeitos de objetividade, mais diretamente suscetível de produzir ‘informações isentas’ e, portanto, mais críveis, e de subjetividade, sugerindo a interferência do sujeito da enunciação no enunciado. Fiorin (1996) explica que o discurso direto, em geral, cria um efeito de sentido de realidade, pois dá a impressão de que o narrador está apenas repetindo o que disse o interlocutor. É esse o caso da maior parte dos discursos que compõem os ambientes jornalísticos, em que o sujeito produz discursos nos quais simula ausência de um narrador, criando efeitos de objetividade, em outros instala o eu/tu, imediatamente, por meio de debreagens enunciativas e enuncivas, presentificadas em artigos e crônicas ou em textos interpretativos, especialmente veiculados em revistas de informação. A obediência às regras jornalísticas nessa configuração discursiva reflete o contrato assumido entre destinador e destinatário, esse último sabedor dos espaços nos quais as



informações seriam desprovidas de sentido manipulado (como se tal feito fosse possível) e de outros onde o enunciador assume opiniões e posturas com relação a determinados assuntos.

Tais condições de produção do discurso estão relacionadas às possibilidades do plano de expressão que veiculam determinados conteúdos. Assim, o espaço do papel na mídia impressa e o tempo no rádio e na televisão são condições determinantes do discurso jornalístico. O espaço virtual proporcionado pela web rompe as circunstâncias iniciais que determinam as variáveis desse processo e abre inúmeras possibilidades em que o espaço enunciativo recebe condições ideais para a imbricação dos recursos discursivos sob a premissa das técnicas jornalísticas.

O uso do blog como espaço de informação jornalística

O espaço virtual já possui divisões típicas desse meio. São formas de comunicação que nasceram da diversidade comunicativa que a amplitude da internet proporciona. Uma das possibilidades cada vez mais exploradas pelos usuários é a composição de uma página pessoal, com registros semelhantes aos de um diário, chamada blog. Segundo a enciclopédia livre Wikipédia, “o blog ou weblog é uma página da web cujas atualizações (chamadas posts) são organizadas cronologicamente (como um histórico ou diário). Estes posts podem ou não pertencer ao mesmo gênero de escrita, se referir ao mesmo assunto ou à mesma pessoa. A maioria dos blogs são miscelâneas onde os blogueiros escrevem com total liberdade”. Os aspectos descompromissados e juvenis para os quais esse tipo de prática apontam, faziam com que as informações ali postadas adquirissem um tom casual e particular, em oposição aos espaços formalmente destinados à veiculação de conteúdos jornalísticos. Isso não quer dizer que os jornalistas não faziam uso do espaço com finalidade profissional, mas apenas nos últimos anos essa prática começou a estabelecer contratos de credibilidade entre destinador e destinatário. Há cerca de dois anos, endossados por jornalistas respeitados nos meios em que atuam, os blogs jornalísticos têm servido como referência para a opinião pública, interferindo, inclusive no cenário político do Brasil. Alguns exemplos são o Blog do Noblat, espaço do jornalista Ricardo Noblat, atualmente ambientado no portal do jornal paulista O Estado de S. Paulo, o Blog do Moreno, do colunista Jorge Bastos Moreno, disponível no ambiente do jornal carioca O Globo, Blog do Josias, articulado por Josias de Souza e Blog do Fernando, de Fernando Rodrigues, ambos jornalistas da Folha de S. Paulo, que disponibilizam seus blogs no espaço virtual do UOL (Universo On Line). Os autores



citados são comentaristas do cenário político que discorrem sobre notícias, comentários e aspectos ‘não visíveis’ do poder. A lista de renomados profissionais que mantém seus blogs para comentar assuntos pertinentes à sua área de cobertura é extensa, mas os transcritos nesta análise já acumulam influência que extrapolam o espaço midiático virtual, pois a sociedade lhes dá reconhecimento, percebido nas indicações que atores revestidos de autoridade social, como parlamentares e governantes, denotam ao atribuir credibilidade às suas revelações.

Do ponto de vista jornalístico, o que torna o uso do blog com finalidade jornalística atraente é a configuração discursiva que os sujeitos da enunciação projetam no discurso. Nos meios tradicionais, o discurso jornalístico é alocado em espaços editorialmente distribuídos entre aqueles revestidos de autoridade social para emitir opinião – artigos, crônicas e editoriais – e aqueles nos quais o sentido se constrói nas tramas do texto, pois há evidente afastamento do narrador para que o efeito gerado seja de distanciamento e, assim, de objetividade, caracterizando os textos chamados de informativos.

Os blogs têm sido vitrines de manifestações livres do compromisso editorial pertinente à natureza do jornalismo. Essa liberdade se manifesta na inovação discursiva, onde os atores sociais estão à vontade para noticiar, opinar, cobrar, direcionar, enfim, para mesclar a estratégia discursiva de aproximação e distanciamento do enunciatário. O jogo de troca de posições permanentemente operado pelo sujeito da enunciação, que ora deixa marcas profundas no discurso que enuncia e ora esconde-se nas tramas da informação, tem sido um recurso sedutor para levar o enunciatário a um fazer crer verdadeiro, naquilo que pretende tornar verossímil. Segundo Diana Luz Pessoa de Barros (1997), chega-se ao sujeito pelo caminho do discurso, pois certos procedimentos marcam a relação entre o discurso e a enunciação pressuposta, entre esses, o conflito ideológico instalado na narrativa entre os destinatários, os valores que o sujeito assume e suas paixões.

“A análise interna do texto apreende esses aspectos e mostra que as escolhas feitas e os efeitos de sentido obtidos não são obra do acaso, mas decorrem da direção imprimida ao texto pela enunciação. Ressalta-se o caráter manipulador do discurso, revela-se sua inserção ideológica e afasta-se qualquer idéia de neutralidade ou de imparcialidade do texto”. (Barros: 1997:83)

O modo de se dar a ver nessa cena é frugal. Os recursos gráficos, sonoros e imagéticos, que em geral compõe a cena midiática, não participam desse espaço. Os textos estão ambientados em uma tela simples, de cor sóbria e são postados de maneira linear,



rompendo com as possibilidades usuais da internet e pelas quais as informações se sobrepõem, se misturam e se lançam para além daquele ambiente. O uso de fotos ou charges é eventual, de acordo com a deliberação do destinatário que recorre ao discurso pictórico e imagético apenas para ampliar o discurso persuasivo e não como a norma que se estabelece, convencionalmente, em meios jornalísticos, nos quais imagens e palavras constroem discursos que se complementam.

Outro aspecto que rompe as relações clássicas entre enunciador e enunciatário nos discursos jornalísticos é a possibilidade de interação que o meio proporciona. Todos os blogs possuem espaços nos quais os interlocutores assumem a posição de produtores do discurso e postam suas opiniões sobre os textos enunciados. O compartilhamento ideológico acerca dos assuntos enunciados, potencializa o aspecto veridictório do texto, pois ao gerar o efeito de diálogo entre destinador e destinatário, ambos assumem o discurso e tornam-se sujeitos produtores daquilo que passam a enunciar conjuntamente, mesmo que em posições que podem ser contrárias.

Nos exemplos abaixo, recortados de blogs jornalísticos, percebe-se como o uso de informações é entremeado pelas marcas ideológicas e os valores assumidos pelo sujeito da enunciação:

Para quem está na cadeia, o dinheiro não traz felicidade. Mas essa não chega a ser uma questão financeira que o pessoal do PCC leve muito a sério. O negócio do crime, por organizado, é faturar. A polícia de São Paulo tenta rastrear as contas bancárias do empreendimento gerido por dom Marcola. Estima-se que o PCC possua pelo menos cem contas, pelas quais escoariam mensalmente coisa de R\$ 700 mil. (Josias de Souza, UOL, 21/5/2005)

O discurso começa com uma debragem enunciativa espacial (quem está na cadeia) e actancial (o pessoal do PCC – a polícia de São Paulo), sugerindo distanciamento da enunciação e ilusão de realidade. A narrativa em terceira pessoa, nesse caso, está caracterizada pelo observador que, embora delegado pela enunciação, determina o ponto de vista sobre o discurso e dirige seu desenrolar. Embora de maneira sutil, a projeção da enunciação é percebida em marcas que revelam os valores embutidos no contexto (o dinheiro não traz felicidade: o negócio do crime é faturar; pela quais escoariam mensalmente). Mesmo não assumindo o discurso em primeira pessoa e mantendo a ilusão de objetividade e distanciamento, os mecanismos são empregados para levar o enunciatário a um fazer interpretativo conclusivo sobre o assunto em questão.

Que desmoralização.



O boato brasiliense desta 5ª feira: dois senadores teriam participado de uma operação de R\$ 3 milhões para aliviar a barra de bingueiros na CPI dos Bingos --aquela que investiga de tudo, menos bingos. Comentário ouvido pelo blog de alguém que é PhD nessa área: "Imagine!? 3 milhões? Esse boato é só um boato mesmo. Não pode ser verdade. Até porque 3 milhões é um valor muito alto para uma operação dessas". Em tempo de "sanguessugas" que lucram 5 a 15 mil por ambulância, a anedota faz todo o sentido. (Fernando de Souza – UOL – 21/5/2005)

A ancoragem na realidade desse trecho está nas debreagens temporal (5ª feira), actancial (dois senadores) e espacial (brasiliense). Além do discurso enunciado em terceira pessoa criar efeito de afastamento e de objetividade, a constituição da cena como 'espaço existente' cria a ilusão de referencialidade. O observador delega vozes a interlocutores que são expressas em discurso direto e demarcadas entre aspas. A projeção da enunciação pode ser determinada pelas marcas que instalam no discurso, mesmo sem assumí-lo na condição de primeira pessoa. Quando escreve "comentário ouvido pelo blog", afasta-se do texto, simulando o sentido de que o blog assume a condição do enunciador, mesmo porque a categoria da pessoa é um papel actancial atribuído no texto e que não se refere, necessariamente, a alguém. A partir dessa concretização, os comentários que produz (aquela que investiga de tudo, menos bingos; esse boato é só um boato mesmo. Não pode ser verdade; a anedota faz todo o sentido) denotam os valores e as posições ideológicas inerentes ao sujeito produtor do discurso.

Foi a mais trágica sucessão de trapalhadas da história recente do país. Há três semanas, segundo o governador Cláudio Lembo, a polícia de São Paulo teve a informação de que os bandidos do Primeiro Comando da Capital (PCC) preparavam ataques e levantes em penitenciárias para a véspera do Dia das Mães. Que fez o governo? Pôs a Polícia Militar de prontidão? Cancelou férias e folgas de policiais? Convocou reforços? Nada fez. Esperou sentado. (Ricardo Noblat, Agestado – 21/5/2005)

Os procedimentos argumentativos são semelhantes aos empregados nos textos anteriores. O enunciado está em terceira pessoa e o jornalista assume a condição de observador, que enuncia a cena e realiza ancoragens de tempo, pessoa e espaço, para criar efeito de realidade e condições para um crer verdadeiro por parte do destinatário. Como ressalta Barros (1997) "o enunciador constrói no discurso todo um dispositivo veridictório, espalha marcas que devem ser encontradas e interpretadas pelo enunciatário". A autora explica que o enunciatário precisa descobrir essas pistas e compará-las com seus conhecimentos e convicções para entender o texto e crer ou não no discurso. Dentre os mecanismos empregados nesse procedimento discursivo, está o de implicar conteúdos, provocando o enunciatário a assumir a mesma posição ideológica do sujeito produtor do discurso. Nos trechos 'a mais trágica sucessão de



trapalhadas da história; O que fez o governo? Nada fez. Esperou sentado’, o enunciador convoca outras vozes para responder as questões que enuncia, assume que argumentos externos ao texto estão presentes, mas encerra a possibilidade de respostas quando o próprio observador conduz a narrativa para um desfecho conclusivo: ‘nada fez. Esperou sentado’.

Considerações finais

O espaço virtual representa uma ampla possibilidade de comunicação com tendências já exploradas e compreendidas e muitas ainda por vir. Novas significações nas relações entre enunciador e enunciatário foram geradas pela gama tecnológica que o meio proporciona, tanto pela dimensão territorial quanto pela interatividade entre ambos interlocutores. Esse último aspecto aponta para os novos contratos que terão de ser assumidos para que os fazeres persuasivos e interpretativos levem ao crer verdadeiro, objetivo último de qualquer discurso.

No caso dos blogs jornalísticos, uma configuração discursiva que se assemelha àquelas enunciadas em outras mídias está resignificada pelas marcas da enunciação presentes do discurso. Em meio aos procedimentos que sugerem imparcialidade e distanciamento, inerentes às narrativas jornalísticas, percebe-se pistas que denotam a posição político-ideológica dos sujeitos produtores do discurso e inauguram um campo em que as narrativas jornalísticas derivadas de técnicas e de espaços delimitados assumem novas projeções. Muito além do espaço editorial simbólico, os blogs resgatam a informalidade de sua origem e cravam, por meio de procedimentos discursivos, a opinião e a posição dos sujeitos frente às manifestações sociais representadas na cena midiática.

Referências bibliográficas:

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria Semiótica do Texto. São Paulo: Ática, 1997.
- FIORIN, José Luiz. As Astúcias da Enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- RAMOS, Fernão Pessoa. Sobre a divergência dos meios e as imagens maquinicas. in Crítica das práticas midiáticas, org. Luiz Aidar Prado. São Paulo: Hacker, 2002.
- SÁ, Simone Pereira. Netnografias nas redes digitais. in Crítica das práticas midiáticas, org. Luiz Aidar Prado. São Paulo: Hacker, 2002.
- SANTAELLA, Lúcia. Culturas e Artes do Pós-Humano. São Paulo: Paulus, 2004.

